

## Associativismo entre catadores de material reciclável urbano

Marilia Verissimo Veronese<sup>1</sup>

**Resumo:** O texto parte de um estudo qualitativo, com base na metodologia sociopoética e teoricamente apoiado na sociologia crítica de Boaventura de Sousa Santos, especialmente a sociologia das ausências e emergências e a perspectiva das epistemologias do Sul. A pesquisa foi conduzida junto a cooperativas e associações de reciclagem na região da grande Porto Alegre-RS. O objeto são os saberes e as práticas sociais produzidas em contextos de vida coletiva entre trabalhadores pobres que têm no associativismo para catação e tratamento de material reciclável urbano uma alternativa para melhorar suas condições de vida e produzir seu cotidiano. O saber não é tido como algo da ordem do cognitivo exclusivamente, mas envolve visões de mundo, percepções e representações que abrangem expressões identitárias e sócio culturais desses sujeitos. Apesar dos avanços em termos de organização em grupos autogestionários, o conjunto das pesquisas sobre catadores mostra que a precariedade e a marca da desqualificação social ainda permanecem nas suas vivências cotidianas; a inserção econômica é limitada e a renda obtida, nem sempre suficiente. Apresentam, contudo, indícios de capacidade de produzir processos de mudança das suas condições de vida, inserindo-se num contexto de participação política e acesso a políticas públicas de fomento. Desejam aprender e compartilhar conhecimento e conscientizam-se que representam a base da cadeia produtiva de reciclagem no Brasil.

**Palavras-chave:** empreendimento econômico solidário; catadores; reciclagem; sociologia das ausências e emergências; sociopoética; subjetividade e trabalho.

<sup>1</sup> Docente e pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) e Pesquisadora associada ao grupo de pesquisa em economia solidária e cooperativa (ECOSOL) – Porto Alegre – Brasil – mariliav@unisinis.br

## Associativism between urban waste pickers

**Abstract:** *The article arises from a qualitative study, based on Sociopoetics methodology and theoretically supported by Boaventura de Sousa Santos' critical sociology, especially the sociology of absences and emergencies and the prospect of epistemologies of the South. The research was conducted with recycling cooperatives near Porto Alegre, RS. The object is the knowledge and social practices produced in contexts of collective life among poor workers who have in the association to grooming and treatment of urban recyclables an alternative to improve their living conditions and produce their daily lives. Knowledge is not seen as something exclusively of cognitive order, but involves world views, perceptions and representations covering identity and socio cultural expressions of these subjects. Despite advances in terms of organization in self-managed groups, the research conducted so far shows that precariousness and social disqualification remain in their daily experiences; economic inclusion is limited and the obtained income, not always enough. They show, however, evidences of ability to produce processes of change in their conditions of life by entering in a context of political participation and access to public policies. They also wish to learn and share knowledge and they are becoming aware that represent the basis of the production chain of recycling in Brazil.*

**Keywords:** *solidarity economic enterprises; pickers; recycling; sociology of absences and emergencies; sociopoetics; subjectivity and work.*

## Para compreender o universo dos catadores de material reciclável

Partimos, neste texto, do arcabouço teórico da sociologia crítica de Boaventura de Sousa Santos (2002, 2006, 2009), especialmente a sociologia das ausências e emergências e o procedimento de tradução, o pensamento abissal e pós-abissal e a perspectiva das epistemologias do Sul. A preocupação da qual partimos foi epistemológica, isto é, o objeto em foco foi definido como o saber – e as práticas que ele gera – produzido em contextos de vida coletiva entre sujeitos muito pobres que têm na associação uma alternativa para melhorar suas condições de vida. O saber não como algo cognitivo exclusivamente, mas envolvendo visões de mundo, percepções e representações que abrangem a vida psíquica e a produção simbólica desses sujeitos, suas expressões identitárias e sócio culturais.

Para Santos e Meneses (2009), toda a experiência social produz e reproduz conhecimento e pressupõe uma epistemologia, definida como um modo de conceber as coisas e os pressupostos sobre o que consiste em conhecimento válido. Não há, pois, conhecimento sem práticas e sem atores sociais engajados em produzi-las. Interessam-nos os saberes produzidos por esses grupos de pessoas consideradas “inferiores” na lógica hegemônica de hierarquização do conhecimento e do reconhecimento social. Atores que se encontram invisibilizados pela sua condição

de “inferioridade” produzida: pobres, com pouca escolarização e pouca chance de ingresso no mercado formal de trabalho, os catadores de material reciclável urbano. Para Costa (2004: 63), na produção da invisibilidade é como se houvesse um “desaparecimento intersubjetivo de um homem no meio dos outros homens, é expressão pontiaguda de dois fenômenos psicossociais que assumem caráter crônico nas sociedades capitalistas: humilhação social e reificação”. Trata-se, portanto, de um problema contundente em termos éticos, econômicos e societários. Tal realidade precisa ser conhecida global e localmente e, se possível, esse conhecimento pode contribuir para transformá-la.

A investigação que embasa este artigo se insere no escopo do projeto proposto pela rede EMES (rede europeia de pesquisadores em Economia Social), International Comparative Social Enterprise Models Project (ICSEM). O objetivo é comparar modelos e práticas de associativismo ao redor do mundo, trabalhando com diferentes lógicas, saberes e práticas sociais. Segundo a EMES (2013):

Around **45 faculty members and researchers** in economics, management, sociology and psychology from Belgian Universities and around 10 international research partners are involved in this Project. They focus on one overall objective, which is defined in the subtitle of the research program, i.e. “**Building interdisciplinary and integrated knowledge on social entrepreneurship and social enterprise**”. This whole research program covers various thematic lines, among which a major project of social enterprise models comparative analysis: the ICSEM project<sup>2</sup>.

Em pesquisa anterior (Veronese; Ferrarini, 2011) identificamos, em um conjunto de empreendimentos analisados no segmento de coleta e triagem de resíduos recicláveis, que há uma diferenciação clara, para melhor, na condição de vida dos catadores associados, a partir da inserção em associações e cooperativas. Seria um processo de transposição das linhas abissais – linha epistêmica que divide a sociedade entre quem é sujeito de direitos e quem não é –, especialmente quando se vinculam a movimentos sociais de expressão como o MNCR (Movimento Nacional dos Catadores de Material Reciclável) e acessam recursos oriundos de projetos públicos e privados. Contudo, o conjunto das pesquisas (estudos de caso) sobre esses sujeitos mostra que a precariedade e a marca da desqualificação social ainda permanecem nas suas percepções e vivências cotidianas; a inserção econômica é limitada e a renda obtida, nem sempre suficiente (Calderoni, 1998; Bhowmik, 2002; Paugam, 2003; Galbiati, 2004; Martins, 2003; Velloso, 2005; Bosi, 2008; Jacobi; Besen, 2011; Miura; Sawaia, 2013; Cabral, 2015).

<sup>2</sup> Cerca de 45 docentes e pesquisadores em economia, gestão, sociologia e psicologia de universidades belgas e cerca de dez parceiros de investigação internacional estão envolvidos neste projeto. Eles se concentram em um objetivo geral, “[...] *produzir um arcabouço interdisciplinar e integrado de conhecimento sobre empreendedorismo social e empreendimento social*”. Este programa de investigação abrange diversas linhas temáticas, entre os quais um grande projeto de modelos de empreendimento social para análise comparativa: o projeto ICSEM (Tradução nossa).

A participação no projeto da EMES, em andamento até 2017, permitirá contribuir com uma espécie de “mapeamento global” de formatos associativos e solidários, porém com diferentes matrizes interpretativas e problemáticas de pesquisa. O cooperativismo popular para catação e reciclagem de lixo urbano desponta como alternativa de trabalho para os excluídos dos melhores postos de trabalho nas cidades. Cabe-nos investigar como esse formato se insere, hoje, na perspectiva da economia solidária e das lutas por reconhecimento dos atores sociais com elas envolvidos. Pensar a economia social e solidária em termos comparativos globais guarda, no fundo, uma intenção ético-política: pensar sua “descolonização”.

Para Meneses (2009: 235),

Pensar a descolonização da economia requer necessariamente o reconhecimento de que não há justiça social global sem justiça cognitiva global, que assenta na busca de um tratamento igualitário de todas as formas de saberes e daqueles que o possuem e trabalham, abrindo o campo acadêmico à diversidade epistêmica do mundo. Esse apelo à descolonização requer a identificação de processos mediante os quais a epistemologia e a racionalidade hegemônicas produzem a “ausência” de saberes, ao mesmo tempo em que se procura conceptualizar a criação de um novo tipo de relacionamento entre os saberes do mundo.

As sociedades modernas possuem uma característica de serem abissalmente divididas entre os que têm e os que não têm acesso a bens simbólicos e materiais, portanto, entre quem é plenamente cidadão e quem não é, ou é de uma categoria “inferior” e desqualificada. Afirma Boaventura Sousa Santos:

O pensamento moderno ocidental é um pensamento abissal. Consiste num sistema de distinções visíveis e invisíveis, sendo que as invisíveis fundamentam as visíveis. As distinções invisíveis são estabelecidas através de linhas radicais que dividem a realidade social em dois universos distintos: o universo “deste lado da linha” e o universo “do outro lado da linha”. A divisão é tal que “o outro lado da linha” desaparece enquanto realidade, torna-se inexistente, e é mesmo produzido como inexistente. Inexistência significa *não existir sob qualquer forma de ser relevante ou compreensível*. (Santos, 2006: 56, grifo nosso.)

As formas epistemológicas (compreendidas como diversos tipos de conhecimento existentes) fundamentam as práticas sociais conduzidas pelos atores, sendo que a ciência moderna, quando se torna hegemônica no ocidente, recebe o privilégio de ser considerada o conhecimento válido por excelência, a maneira de acessar a verdade, o “correto”, o lúcido e o racional. No campo do conhecimento, o pensamento abissal consiste na concessão à ciência moderna do monopólio da distinção universal entre o verdadeiro e o falso, em detrimento de dois conhecimentos alternativos: a filosofia e a teologia.

Contudo, esses dois últimos estão do mesmo lado da simbólica linha abissal, gozando também de privilégios epistemológicos e extra epistemológicos, de um status positivo, embora eventualmente apenas complementar ou questionável.

O que está do “lado de lá” da linha abissal são os conhecimentos produzidos em contextos de grupos sociais tidos como “inferiores” ou “primitivos”, tais como indígenas, quilombolas, afrodescendentes pobres, pouco escolarizados, trabalhadores de várias origens étnicas muito pobres ou considerados inaptos para o trabalho, catadores de material reciclável urbano, camponeses, portadores de deficiência ou transtornos mentais recorrentes. Enfim, conhecimentos populares, leigos, camponeses, indígenas etc. estão do outro lado da linha invisível que a representação do real criou modernamente. Eles desaparecem como conhecimentos relevantes ou comensuráveis por se encontrarem para além do universo do verdadeiro e do falso. É inimaginável aplicar-lhes não só a distinção científica entre verdadeiro e falso, mas também as verdades inverificáveis da filosofia e da teologia (Santos; Meneses, 2009).

Considerava também Ianni (2004) que uma característica marcante do pensamento moderno é a clara demarcação entre Filosofia, Ciências Naturais, Ciências Sociais e Artes. As modalidades de vida cultural e intelectual que incluem religiosidade e sensibilidade artística como base de práticas sociais correm o risco de serem postas à parte, como alheias e incompatíveis com a modernidade e seus pressupostos.

Por epistemologias do Sul entende-se aqueles conhecimentos, práticas sociais e visões de mundo dos grupos marginalizados e subalternizados pela violência do processo colonial, também denominadas por Jacques Gauthier (Gauthier; Fleuri; Grando, 2001) como culturas de resistência. Colonialismo, capitalismo e patriarcado são fenômenos relacionados entre si, que operaram no sentido de fazer desaparecer – pela invisibilidade ou pela desqualificação – formas de conhecer e de viver não alinhadas com seus princípios.

Norte e Sul – não geográficos, mas epistêmicos, metafóricos – constituíram-se mutuamente através de processos históricos de colonialismo e dominação, e a natureza hierárquica das relações que estabelecem entre si permanece atual, a partir da noção de *colonialidade*. No Norte global, os saberes não alinhados à ciência e à técnica têm sido produzidos como não existentes e excluídos dos cânones da racionalidade moderna. A subalternização ou invisibilização de outros saberes e interpretações do mundo significa que esses não são considerados formas relevantes ou mesmo inteligíveis de ser e estar no mundo, e Boaventura Santos denominou-as, por isso, epistemologias do Sul (Meneses, 2008).

O Sul metafórico, portanto, remete ao sofrimento ético-político de ter sido invadido, saqueado, explorado e finalmente marginalizado pelos mecanismos sociais complexos do colonialismo e colonialidade do poder (Quijano, 2005, 2009). Junto com o genocídio das populações ameríndias, por exemplo, foi efetuado seu epistemicídio: as formas de conhecimento que norteavam suas vidas foram, até certo ponto, perdidas. Os grupos e sujeitos que hoje resistem e vivem em formas não bem integradas à sociedade ocidental capitalista sofrem um processo de exclusão, invisibilização ou desqualificação social. Ao mesmo tempo, esses sujeitos produzem estratégias de vida individual coletiva, trabalho, deslocamento,

eventualmente militância, numa sociedade cada vez mais caracterizada por matrizes relacionais que amplificam e possibilitam uma maior *performance* de trocas e correspondências entre os sujeitos (Yúdice, 2006). São justamente os saberes contidos nessas estratégias que buscamos compreender melhor na pesquisa que gera este artigo.

Está claro para nós que se deve ter um diálogo crítico com a teoria; consideramos que a metáfora da linha abissal serve para compreender os processos de exclusão e silenciamento provocados pela expansão colonialista e capitalista. Contudo, não se deve absolutizá-la, pois sempre existiram resistências e superações das linhas abissais; elas não são intransponíveis e os sujeitos marginalizados e subalternizados souberam, por si próprios, ou por vezes com apoio de grupos e organizações progressistas nacionais ou internacionais, gerar alternativas e alguma legitimação para suas práticas e modos de vida. Santos (2003, 2006) chama a isso cosmopolitismo subalterno.

Dedica ao tema uma coleção inteira de livros produzida pela equipe de investigadores do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, Coleção Reinventar a Emancipação Social. O tema da coleção é a globalização alternativa. Constitui-se em sete livros, que apresentam os resultados principais de um projeto de investigação intitulado Reinventar a Emancipação Social: Para Novos Manifestos, realizado em seis países – África do Sul, Brasil, Colômbia, Índia, Moçambique e Portugal. O referido projeto visou analisar iniciativas e movimentos de resistência e de formulação de alternativas por parte das classes populares e dos grupos sociais subalternos em vários contextos sociais. Foi dirigido por Boaventura de Sousa Santos e envolveu 69 investigadores/as, sendo publicada em vários países: Portugal (Afrontamento), Itália (Città Aperta Edizioni), México (Fondo de Cultura Económica), Brasil (Civilização Brasileira) e Reino Unido (Verso). As contribuições portuguesas também deram origem a um número temático da revista *South European Society & Politics* (vol. 9, n. 2, Autumn 2004). Nela são trabalhados aspectos promissores de valorização e articulação entre as epistemologias do Sul, tais como modos participativos de democracia; modos de produção e consumo não capitalistas e solidários; o reconhecimento de culturas subalternas; as questões de biodiversidade e conhecimentos indígenas sobre saúde; os caminhos de um novo internacionalismo operário ou possibilidades de o movimento sindical alternativo e os novos atores sociais construir as diversas formas de emancipação possíveis no presente. Portanto, não se trata de totalizar a formulação do pensamento abissal; a metáfora apenas ajuda a compreender um processo que é complexo, cheio de contradições e que gerou suas próprias antinomias. As epistemologias do Sul remetem a existências culturais, que produzem habitus, comportamento, valores.

Entendemos o processo representacional, de troca de saberes, a partir de Jovchelovitch (2008), como o processo de semantização que assimila e coproduz o mundo social. Trabalha-se na perspectiva dos saberes cotidianamente produzidos e intercambiados como produção de subjetividade, sendo essa entendida enquanto fronteira entre o psicológico e o cultural. Nesse processo, a mediação semiótica

desempenha um papel fundamental, pois além de constituir as funções psicológicas superiores, possibilita a socialização e a individuação do sujeito inserido em uma determinada cultura.

## O campo empírico proposto: realidade atual e indagações

Uma das características mais marcantes das sociedades contemporâneas é o fato de que a desigualdade material ou econômica está, em larga medida, relacionada com a desigualdade não material; sobretudo com a educação desigual, a desigualdade das capacidades comunicativas e expressivas e, ainda, de oportunidades para organizar interesses e participar autonomamente em processos de tomada de decisão significativa na vida política.

Os catadores, ainda hoje, vivenciam condições de vida precárias, na periferia das grandes cidades. Vivenciam o chamado sofrimento ético-político, que Sawaia (1999) afirma ser provocado por condições sociais adversas, mas que também pode ser gerador de transformações sociais, principalmente quando desencadeia ações coletivas. Os espaços sociais nos quais circulam, geralmente, os renega e estigmatiza; experimentam por isso sofrimento específico que, se canalizado na luta por reconhecimento, pode modificar sua inserção nos mesmos espaços (Miura, 2004).

Afinal, como afirma Honneth (2003), a luta pelo reconhecimento sempre inicia-se pela experiência do desrespeito das formas de reconhecimento almejado. Para o autor, existem três esferas ou modos básicos de reconhecimento: amor, direito e solidariedade. O desrespeito ao amor é encontrado em maus-tratos e violações sofridas, que ameaçam a integridade física e psíquica do sujeito, seu sentimento de autoestima e valor pessoal; o desrespeito ao direito acontece na privação de direitos socioeconômicos e na exclusão, o que atinge a integridade do sujeito como parte integrante de uma comunidade político-jurídica; e o desrespeito à solidariedade são as degradações, ofensas, discriminações sofridas e que afetam os sentimentos de honra e dignidade do indivíduo como membro de uma comunidade cultural de valores compartilhados (Salvadori, 2011).

No caso dos catadores, eventualmente todas essas formas de desrespeito foram vivenciadas; o sofrimento ético-político advém justamente daí, desses desrespeitos sofridos por um cidadão que não consegue atingir a experiência de plena cidadania, de segurança, renda digna, amparo social e estima entre os membros estendidos da sua comunidade. Nesse contexto, o surgimento de um movimento social em nível nacional é de extrema importância e denota uma luta ampla, com apoio de outros segmentos sociais – como foi o caso da igreja católica progressista, no início do movimento – por reconhecimento e justiça.

Refere Silva (2006) que no início da década de 1980, em São Paulo, um grupo de religiosas que trabalhava com pessoas em situação de rua identificou que muitos deles buscavam sua subsistência nos resíduos descartados, como papelão, latas, alumínio, vidro e plástico. Mesmo não sendo um coletivo de pessoas organizadas,

trabalhavam em diferentes pontos da cidade, efetuando uma coleta seletiva dos resíduos e vendendo para intermediários. Havia a *seleção*, pois já nesse momento, os “catadores de lixo”, como ficaram conhecidos, efetuavam a separação entre o que era passível de beneficiamento dos outros materiais que pelo contato com detritos molhados não poderiam mais ser reutilizados.

Assim, conforme relata a mesma autora, em julho de 1985, a partir de uma iniciativa dessas irmãs beneditinas, foi criada a Associação dos Catadores de Papel, Papelão e Materiais Reaproveitáveis de São Paulo, que tinha como proposta ser um órgão de defesa e apoio dos interesses dos catadores de papelão e promover sua organização. Em maio de 1989, ainda em São Paulo, é criada a primeira cooperativa de reciclagem do Brasil, a Cooperativa dos Catadores Autônomos de Papel, Aparas e Materiais Reaproveitáveis Ltda (COOPAMARE), num terreno doado pela administração da então prefeita Luiza Erundina. A organização e a perspectiva de geração de renda e autonomia motivam durante toda a década de 1990 a articulação e a ampliação do trabalho cooperativo em diversas cidades do Brasil. Nessa década surge a Associação dos Catadores de Papel, Papelão e Matérias Recicláveis (ASMARE) em Belo Horizonte, MG, uma das maiores cooperativas brasileiras e a única a ter uma usina de reciclagem dirigida pelos próprios catadores.

Os catadores e catadoras, por meio do Primeiro Encontro Nacional de Catadores de Papel e Material Reaproveitável, Ongs, Poder Público e Setor Privado, realizado na cidade de Belo Horizonte, em setembro de 1999, criaram oficialmente o Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR). Nesse encontro, organizaram um encontro nacional no mês de junho de 2001, que acabou atuando como catalisador e articulador em todo o Brasil. No site do movimento, seu início é assim apresentado:

O Movimento Nacional dos Catadores(as) de Materiais Recicláveis (MNCR) surgiu em meados de 1999 com o 1º Encontro Nacional de Catadores de Papel, sendo fundado em junho de 2001 no 1º Congresso Nacional dos Catadores(as) de Materiais Recicláveis em Brasília, evento que reuniu mais de 1.700 catadores e catadoras. No congresso foi lançada a Carta de Brasília, documento que expressa as necessidades do povo que sobrevive da coleta de materiais recicláveis (Movimento Nacional dos Catadores(as) de Materiais Recicláveis, 2014a).

O Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (2010) estima que, aproximadamente, 800 mil catadores estejam em atividade no Brasil, atualmente. Esse movimento social agrega a categoria para lutar por melhores condições de trabalho e vida, almejando dignidade a partir de uma valorização maior como base da cadeia produtiva da reciclagem. Segundo o site do movimento:

O Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR) é um movimento social que há doze anos vem organizando os catadores e catadoras de materiais recicláveis pelo Brasil afora. Buscamos a valorização de nossa categoria de catador que é um trabalhador e tem sua importância.

Nosso objetivo é garantir o protagonismo popular de nossa classe, que é oprimida pelas estruturas do sistema social. Temos por princípio garantir a independência de classe, que dispensa a fala de partidos políticos, governos e empresários em nosso nome (Movimento Nacional dos Catadores(as) de Materiais Recicláveis, 2014b).

O movimento tem crescido, e potencialmente, diz Lima (2008: 4),

As ações do Movimento Nacional dos Catadores de Material Reciclável (MNCR) têm vindo a transformar as relações sociais por meio da resignificação de sua identidade coletiva, dos novos sentidos atribuídos ao seu trabalho.

Nem só de vitimização se faz um/a catador/a, é importante que se ressalte. Mas há uma condição de vida ainda muito aquém do desejável em termos de acesso a direitos fundamentais e cidadania. Os catadores individuais, como Bhowmik (2002: 375) destaca, são “os mais pobres entre os pobres” urbanos, com mais baixo status social, para quem a coleta de lixo nas ruas representa, muitas vezes, a única fonte de sobrevivência, eventualmente de forma precária.

Para Calderoni (1998), o surgimento e o fomento de associações e cooperativas de catadores de material reciclável se apresentam como importante inovação social, pois permitem melhorias financeiras, considerando o trabalho de catação solitária no ambiente inóspito das ruas, além de minimizar a vulnerabilidade nas negociações com as indústrias ou com os intermediários que compram o seu material. Segundo Martins (2003: 83):

A recuperação de resíduos assume uma importância considerável como possibilidade de ocupação para populações excluídas em países em desenvolvimento, havendo, dentre outros, estudos e relatos sobre casos de cooperativas e associações de catadores na Índia e na Colômbia, onde cerca de 6.500 trabalhadores se beneficiam dessa atividade.

Conforme refere Pizzio (2007), ao se unirem a coletivos que empreendem juntos, os trabalhadores tendem a desenvolver uma identidade de resistência, superando em alguma medida o estigma e a desqualificação social que os marca amiúde, em função da atividade de catação. Através de uma pesquisa comparativa entre catadores de lixo urbano que atuavam sozinhos e outros que trabalhavam associados em empreendimentos econômicos solidários, concluiu-se que os últimos tinham um conhecimento sobre o processo de reciclagem bastante superior, além de relatarem maior segurança e autoestima. Contudo, o estudo adverte para o fato de que, apesar dos ganhos em qualificação social e econômica, ainda havia aspectos de precarização na vida dos catadores associados.

A presença de pessoas que vivem do comércio de materiais refugados data do início do processo de industrialização, embora desde o Brasil colonial haja registros de pessoas que coletavam os resíduos domésticos e eram, por isso, muito discriminados (Cabral, 2015). No começo do século XX, com o incremento da indústria gráfica, o papel já era reciclado. Dessa época também há registros de

compradores de sucata no bairro do Brás, em São Paulo, principalmente garrafas e materiais ferrosos. O “garrafeiro”, figura respeitada nos bairros e vilas das cidades, foi desaparecendo ao longo das décadas e dando lugar ao catador que, por sua vez, recolhe os resíduos recicláveis de diferentes locais, sem ter que pagar ou trocar algo por isso (Pinhel, 2013). No caso da cidade de Belo Horizonte, registros históricos apontam que os catadores já atuavam na cidade pelo menos desde a década de 1930 (Dias, 2002).

De acordo com Galbiati (2004), as primeiras experiências municipais de coleta seletiva de lixo no Brasil surgiram no final da década de 1980 e início de 1990. São Paulo, Porto Alegre, Diadema, Belo Horizonte e Campinas são alguns dos municípios pioneiros. A partir dessa época, em algumas cidades foram implantados sistemas integrados de gerenciamento de resíduos, propiciando a expansão das atividades de reciclagem. Por esse motivo, firmaram-se convênios entre as cooperativas e associações de catadores e recicladores formalizadas e o poder público dos locais. Os acordos geralmente significaram fornecimento de material através da coleta regular da prefeitura e outras formas de apoio, financeiras e técnicas (Martins, 2003).

Em pesquisa anterior (Veronese; Ferrarini, 2011) tivemos elementos para avaliar que o associativismo, no caso dos muito pobres, é um fator que tem potencial para gerar processos de aprendizagem, inserção comunitária e renda mínima para os trabalhadores. O risco de dependência de políticas de indução acompanha as experiências; no entanto, reafirma-se a importância de apoio público às iniciativas, para que possam perseverar e atingir melhores objetivos econômicos, sociais e comunitários.

Mas o que se produz de conhecimento entre os grupos que vivem em situação de associação e trabalham nessa condição? Que saberes produzem sobre a vida coletiva e comunitária, liderança e outros temas relevantes na autogestão? Como esses saberes podem ser “traduzidos” e entrar em diálogo com os saberes acadêmicos sobre economia solidária, contribuindo para sua elaboração? Considerando-se o saber não como uma instância exclusivamente cognitiva, mas fluida e dinâmica, incluindo afetos e emoções, todo o processo de semantização do mundo e de assimilação das práticas sociais.

Os saberes “desqualificados”, segundo Santos (2006), produzidos para serem ausentes, são invisibilizados e descartados enquanto alternativa credível em função do processo de produção das não existências. Existem algumas formas de produzir não existências, que se corporificam em lógicas de pensamento inerentes ao capitalismo e sua forma de racionalidade.

São cinco as lógicas de produção das não existências identificadas por Santos (2004), que constituem monoculturas nas dimensões *epistemológica*, *temporal*, *de classificação social*, *escalar* e *produtiva*. A produção social dessas ausências resulta na subtração do mundo, na contração do presente e no desperdício da experiência. A sociologia das ausências coloca a necessidade de por em questão cada uma dessas lógicas. Nesse questionamento, propõe substituir a monocultura

do saber científico por uma *ecologia dos saberes* que possibilite a disputa epistemológica entre diferentes saberes; não há ignorância em geral, a não ser relativa a certo saber.

São cinco, conseqüentemente, as principais formas sociais de não existência que assume aquele sujeito ou grupo social que foi excluído como alternativa credível, como possibilidade de presença reconhecida na esfera pública. Então, o não existente será o *ignorante, o residual, o inferior, o local e o improdutivo*.

Essa teorização mostra-se particularmente pertinente no caso da análise da autogestão dos catadores de material reciclável urbano. Eventualmente, os sujeitos que se inserem nessas experiências de associativismo popular sofrem todas essas formas de desqualificação, por serem pobres, frequentemente não brancos, com baixa escolaridade e residirem em periferias. Os participantes da pesquisa foram trabalhadores pobres, frequentemente de origem não branca, cujos ofícios são mal remunerados e desvalorizados, mas que mesmo assim encontram disposição para a associação laboral e a vivência coletiva.

Trata-se de um universo de milhares de pessoas, no Brasil. Pesquisa do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (2013) revelou em torno de 400 mil catadores registrados, sendo que 32% desses seriam mulheres; os dados foram questionados pelo MNCR, que afirmou existirem 800 mil catadores e que aproximadamente 70% deles seriam do sexo feminino. Essa discrepância foi explicada em função do alto índice de informalidade que caracteriza o setor: muitos catadores e catadoras são informais, sem qualquer registro, sejam individuais ou associativos. Segundo o órgão público:

Historicamente essa atividade é realizada a partir de relações informais, ou seja, sem registro oficial. Além de não permitir aos catadores acesso a uma série de direitos trabalhistas, o alto nível de informalidade dificulta seu reconhecimento pelos órgãos da administração pública e instituições de pesquisa (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2013: 6).

Para falar das dificuldades e injustiças presentes na participação dos catadores na cadeia da reciclagem, nada como dar voz a eles, através de uma postagem sua no perfil da rede social Facebook:

Uma das primeiras bandeiras de luta é o avanço da cadeia da reciclagem. Nós catadoras e catadores de materiais recicláveis, organizados no coletivo (associação, cooperativa ou grupos de produção) e aqueles que ainda trabalham individualmente (catador individual) somos os **principais agentes da cadeia produtiva dos recicláveis**. Em termos de mão de obra, somos os que realizamos mais de 90% de todo o trabalho no ciclo produtivo, cabendo a nós: realizar a educação ambiental, coletar os materiais (transportar in natura), separar e triar os materiais, organizar os catadores, prensar os materiais, organizar o controle de estoque, administrar as cooperativas, entre tantas outras tarefas. Transportar os materiais (em fardos), são tarefas que ficam em torno de 10% na mão de atravessadores, pré indústria e a indústria. Estes podem: comprar, vender, beneficiar, transformar os materiais. A diferença ainda se encontra

nas tecnologias aplicadas, sendo que os catadores utilizam como tecnologia **seus próprios corpos e mentes**, e a indústria, **somente máquinas e equipamentos**. Quanto à geração de postos de trabalho na cadeia, a quantidade de postos gerados na indústria é irrisório perto dos catadores individuais e coletivos. Economicamente falando, nós catadoras e catadores ficamos com apenas 10% dos valores gerados na cadeia produtiva. Principalmente por este desnivelamento econômico, ou seja, quem mais trabalha mais gera postos de trabalho, é quem menos recebe, que **a cadeia produtiva é baseada na exploração**. Assim sendo, ficamos presos economicamente a ferros velhos e sucateiros, que além de dominarem a cadeia querem dominar também a nós. Ambientalmente falando, o papel das catadoras e catadores na atual sociedade é indiscutível, todos reconhecem nossa fundamental participação. É através de nossos corpos que a reciclagem acontece, gerando todos estes milhares de benefícios ambientais, atualmente com pouco preço ou pagamento. Pra acabar de pintar este “quadro de horrores” a maior parte dos municípios brasileiros que têm coleta seletiva, paga às empresas privadas valores milionários, elas eventualmente coletam o que estiver na rua e colocam dentro das Cooperativas materiais de péssima qualidade, misturados, gerando mais de 50% de rejeitos, fazendo com que os catadores que trabalham na triagem tenham que trabalhar em dobro e receber somente pela metade que é comercializada. **Precisa ainda de um estudo acadêmico, científico, mas a “olhos nus” e do conhecimento popular, aponta que o trabalho que vem depois da coleta seletiva, compete a mais de 70% do trabalho entre a coleta seletiva e destinação, ainda antes de repassar a indústria. O problema é que a valorização esta somente na mão das empresas, que utilizam cada vez mais tecnologia em coleta, que separa o gerador do catador.** Contêineres, caminhões prensa e outras tecnologias são utilizadas a preços milionários, afastando cada vez mais a catadora e o catador do sistema de coleta seletiva, o deixando preso e trancado dentro de um galpão. Comprovadamente, após análises em cidades onde os catadores assumiram a coleta seletiva, se quadruplicou a quantidade de materiais coletados, ainda sem considerar os catadores que trabalham individualmente, ou seja: **-NÃO HÁ TECNOLOGIA QUE SUPERE A CATADORA O CATADOR!** Organizar, reconhecer e valorizar estes catadores, é preciso, para que realmente possamos de forma coletiva, avançar na cadeia produtiva dos materiais, lutando contra a exploração, tornando a inclusiva e solidária. Lutar, Criar, Reciclagem Popular! (Facebook, 2014, grifo nosso).

Apesar de ser uma citação bastante extensa, optamos por reproduzi-la, pois ela mostra como o movimento social dos catadores possui uma visão bastante abrangente – e crítica – dos processos socioeconômicos que envolvem a cadeia da reciclagem no Brasil. E que são fundamentais para compreender esse campo de relações socioeconômicas tão importantes para os destinos da reciclagem e dos que vivem dela.

Houve uma grande evolução recente, no país, em termos de políticas públicas para o campo da reciclagem. Em 2010 foram promulgados dois marcos normativos para o fortalecimento dos catadores e suas organizações associativas: a Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS) e o Programa Pró-Catador. A aprovação da PNRS do Brasil, lei federal 12.305/2010 (Brasil, 2010), constituiu um marco legal regulatório para a gestão integrada de resíduos sólidos no país e lançou novos desafios para a implantação e aprimoramento da coleta seletiva nos municípios brasileiros.

No Brasil, o serviço de coleta seletiva é operado pelos próprios municípios, de forma terceirizada ou em parceria com catadores organizados em associações e cooperativas (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2010). A Política de Resíduos Sólidos do Brasil propõe o fortalecimento da coleta seletiva com a integração dos catadores organizados. Embora a gestão dos resíduos sólidos urbanos seja uma atribuição municipal, a PNRS estabelece mecanismos de indução desse modelo de coleta seletiva por meio de recursos econômicos para municípios que elaborem seus Planos de Gestão Integrada de Resíduos seguindo esta diretriz. O Plano Nacional de Resíduos Sólidos, por sua vez, preconiza a meta de inclusão de 600 mil catadores, dos quais 280 mil deverão ser incluídos até 2015, por meio do Programa Brasil sem Miséria. Porém, cabe aos municípios e/ou estados da federação elaborarem seu próprio plano de Gestão Integrada de Resíduos Sólidos, definindo como se dará essa inclusão em seu território.

### Um registro empírico específico no universo da reciclagem

Na investigação empírica que embasa este artigo começamos os contatos com o campo empírico através da Incubadora de Empreendimentos Solidários do Centro Universitário La Salle – Unilasalle (município de Canoas, RS, próximo à capital, Porto Alegre), a qual constitui um programa estimulador de tecnologias sociais, incluindo o fomento a empreendimentos solidários, associado aos processos de pesquisa e extensão. A incubação (assessoria e apoio técnico e de gestão) e o acompanhamento dos empreendimentos solidários, as ações de assessoria pedagógica e técnica para o fortalecimento da economia solidária no município e na região orientam a atuação da incubadora, inserindo os grupos na política pública de fomento.

Atualmente, os empreendimentos incubados, todos situados em municípios da grande Porto Alegre, são: Coarlas – Cooperativa de Trabalho Amigas e Amigos Solidários, Coopermag – Cooperativa de Coleta Seletiva e Reciclagem União Faz a Força de Canoas, Coopcamate – Cooperativa dos Catadores de Material Reciclável de Canoas, Cooperativa de Reciclagem Renascer, Coopersol – Cooperativa de Recicladores de Resíduos Sólidos Sol Nascente, Cootre – Cooperativa de Trabalho de Recicladores de Esteio e a ATPSCR – Associação dos Trabalhadores Prestadores de Serviço, Catadores e Reciclagem de Nova Santa Rita.

A Coopercan central, que une as cooperativas em rede, revela ter por objetivo, por meio do estímulo à prática do cooperativismo como mecanismo de garantia de resultados, promover o desenvolvimento das Cooperativas de Catadores, em seus aspectos tecnológicos, financeiros, de gestão, recursos humanos, produção e prestação de serviços, beneficiamento, industrialização e comercialização de materiais recicláveis e de produtos oriundos de materiais reciclados.

A Coopercan é uma cooperativa de segundo grau, fundada em setembro de 2012, com o auxílio da Incubadora de Empreendimentos Solidários do Centro Universitário La Salle Canoas, RS, universidade que trabalha com incubação e desenvolvimento de empreendimentos econômicos solidários e com quem o grupo de pesquisa em economia solidária e cooperativa (Ecosol), da Unisinos, estabeleceu um acordo de cooperação em pesquisa. As cooperativas que englobam a Coopercan estão organizadas em uma rede política de relacionamento, para discutir e projetar ações em conjunto, no sentido de potencializar o trabalho por elas desenvolvido, seguindo a lógica da intercooperação entre os grupos associados. Sua perspectiva é de que a rede precisa avançar, enfrentando os múltiplos desafios, como a cooperação para a comercialização conjunta e trazendo melhores indicadores econômicos, visibilidade e força política.

Descreveremos em maior detalhe apenas a Coopcamate, pois foi a cooperativa com a qual estivemos engajados de forma mais próxima nas etapas iniciais da pesquisa, motivo pelo qual aprofundamos a análise desse registro empírico, nesse artigo. Esse grupo disponibilizou-se a participar dos eventos de Sociopoética e engajou-se conosco na proposta. O processo de formação desse empreendimento teve início no ano de 1986, quando cinco pessoas moradoras do bairro Mathias Velho, em Canoas, RS, iniciaram a organização de um grupo de coleta de resíduos sólidos recicláveis no bairro. O trabalho teve início em um pavilhão no qual funcionava a Associação de Carroceiros de Canoas, e como o grupo necessitava de uma associação para continuar atuando, passou a utilizar a associação dos carroceiros que já não mais atuava e só existia no papel. A partir daí, a Associação dos Carroceiros de Canoas passou a se chamar Associação dos Carroceiros e Catadores de Material Reciclável de Canoas – ACCMC. Durante cinco anos ficaram fazendo a coleta do material a pé, com veículos emprestados, ou através de ações dos clubes de mães, comunidades eclesiais e gincanas realizadas pelas escolas locais. Desde essa época, fizeram valer os vínculos que possuíam com a comunidade para impulsionar a associação.

Em 1991, a Prefeitura Municipal de Canoas instituiu a coleta seletiva no município, e nesse ano já passou a ter sete pessoas envolvidas, sendo que aproximadamente em 1995 houve um significativo aumento na produção, no número de pessoas envolvidas e mudança no local de atuação. A atual sede é de propriedade da Associação de Moradores, que cedeu a área em comodato por tempo indeterminado à ACCMC para a instalação de mais uma unidade de triagem de material reciclável. No mesmo ano, a associação foi convocada pelo município para assumir o aterro. Em 2003, quando o número mínimo de participantes foi atingido (na época, a

legislação exigia pelo menos 20 sócios), o grupo alterou seu formato jurídico para cooperativa, estando hoje cerca de 30 pessoas envolvidas.

Após vários debates entre atores sociais da comunidade local, poder público e catadores associados, em maio de 2010, quatro associações da cidade de Canoas começaram a também participar do programa de coleta seletiva compartilhada, através de convênio com a prefeitura, o qual consiste no recebimento de verba pública, através de contrato, para o transporte dos materiais das ruas até a associação. Esse contrato possibilitou o aumento do número de sócios e a compra de equipamentos para facilitar e alavancar o trabalho. A Coopcamate ficou responsável pela contratação de caminhão, motorista e coletores (os coletores são os próprios sócios da cooperativa), além de coordenar e organizar todos os roteiros de coleta apresentados pelo poder público. Atualmente, a Coopcamate também é responsável pelo setor financeiro da Coopercan.

Na próxima seção descreveremos a metodologia utilizada para acessar o conhecimento e as práticas desses sujeitos, associados para trabalhar com a coleta do lixo urbano e sua gestão, lutando, nesse processo, para galgar patamares mais avançados de cidadania e geração de renda estável.

## Metodologia proposta para inquirir os saberes dos catadores

A metodologia sociopoética é um tipo de pesquisa participativa, proposta por Jacques Gauthier (Gauthier; Santos, 1996; Gauthier; Fleuri; Grando, 2001; Silveira, et al., 2008) a partir das pesquisas que realizou junto a comunidades indígenas nas Ilhas do Pacífico e também com grupos quilombolas do Nordeste Brasileiro. Sua proposta metodológica baseia-se em cinco considerações iniciais.

**A primeira delas afirma a construção de um grupo pesquisador;** não se trata do pesquisador e seus pesquisados, mas sim de um grupo que busca a superação das relações hierárquicas, do qual o pesquisador institucional *também* faz parte e coletivamente todos são responsáveis pelos caminhos que a pesquisa encontrará para se desenvolver. Desde a definição do tema de interesse às formas de socialização do estudo, que não precisa ser necessariamente artigo, livro ou material estritamente acadêmico, a depender das necessidades do grupo como um todo.

Nessa proposta, o pesquisador evita o ímpeto de ser o “proprietário” dos discursos, das análises e da divulgação dos resultados, para formar uma pesquisa com o coletivo, o que resulta na elaboração de *confetos* – conceito mais afeto – criados pelo grupo pesquisador. O grupo é autor dos conceitos produzidos, elaborados a partir de afetos, não somente da ação cognitiva pura. A ação dialógica para a criação do confeto permite problematizar uma temática em torno de situações vivenciadas pelo próprio grupo pesquisador. Permeia a autoanálise para chegar a uma síntese conceitual e buscar soluções para a transformação, aproximando-se da pesquisa-ação nessa medida.

O método prevê, numa segunda consideração, **a participação das culturas de resistência**, que segundo o autor são representadas por aqueles sujeitos excluídos do acesso aos saberes reconhecidamente oficiais, ao conhecimento acadêmico, tais como os que estão do outro lado da linha abissal para Boaventura de Sousa Santos. Esses grupos populares possuem conhecimentos que não só deixam de ser reconhecidos pelo saber científico como também detêm estruturas de organização distintas que devem ser consideradas para sua apreensão.

Para tanto, em terceiro lugar, Gauthier propõe que no processo da pesquisa se dê **atenção ao corpo inteiro daqueles que integram o grupo pesquisador**. Diferentes grupos sociais possuem formas distintas de organizar e produzir seus saberes, e nem sempre eles se dão de forma linear e “racional”. Certas vezes uma dança ou cântico podem expressar conhecimentos de extrema importância para o grupo, em relevantes aspectos socioculturais. O corpo, essa complexa e inusitada articulação de órgãos, sentimentos, necessidades, impulsos, identidades, desejos, enfim, intensas possibilidades biopsicossociais, pode ser fonte de *insights* preciosos para a produção de conhecimento sobre as realidades dos sujeitos (Weeks, 1999). O corpo guarda relações com as origens de classe, gênero, etnia/raça de cada pessoa e de sua relação com seu contexto, coisas por vezes difíceis de expressar verbalmente.

Por esse motivo, em um quarto ponto, Gauthier sugere que **sejam usadas diferentes técnicas artísticas para produção de dados**. Não se trata apenas de observar e escutar relatos dos grupos observados: “[...] por isso recomendamos que se faça o uso de técnicas variadas de produção de dados, criando assim uma complexidade suficiente para tocar a complexidade da própria vida” (Gauthier; Fleuri; Grando, 2001: 8). Já propunha Octávio Ianni (2004) que as ciências e as artes se encontram e se fertilizam contínua e reiteradamente. São muitos e de muitas áreas os cientistas que trabalham suas narrativas artisticamente, incorporando soluções literárias em distintas linguagens, partindo de metáforas e alegorias, chegando a conceitos e categorias, menciona o sociólogo brasileiro; na sociopoética, seriam os confetos. Próprio da linguagem e da prática científica são a reflexão e a análise crítica, por isso é necessário ir além, dialogando e hibridizando linguagens. Nesse ponto é interessante pensarmos que a lógica instituída do saber das ciências sociais se baseia fortemente sobre o discurso, e ao propor que sejam trabalhadas técnicas de expressão corporal, vocal, desenhos e esculturas, creditam-se às demais dimensões do ser humano potencialidades de produzir saberes válidos.

Finalmente, na quinta consideração, Gauthier pondera que o estudo desenvolvido conforme a sociopoética **culmine na experimentação de uma forma de saber definida pelo grupo, para sua produção e socialização**. O método demonstra sua intenção de romper com as perspectivas que consolidam a posição do pesquisador acadêmico como detentor de conhecimento válido e inteligível, aquele que se beneficiará com os logros da pesquisa, enquanto o grupo pesquisado permanecerá onde sempre esteve e da mesma forma como foi encontrado. Nesse caso, o resultado da pesquisa não necessariamente será um livro ou um

artigo, mas sim toda e qualquer forma de expressão do saber que o grupo define, como uma produção artística, exposição fotográfica etc.

A relação entre Ciências Sociais e arte é profunda, profícua e um campo aberto à experimentação. Se, para Oliveira (1998), uma atividade estética pode atingir objetivos ético-morais e políticos, sendo exemplos as atividades artísticas nas prisões, entre moradores de rua e em assentamentos ou ocupações, pode-se inferir que, entre as culturas de resistência, a arte é parte integrante de sua busca de expressão e inserção no mundo, cabendo às Ciências Sociais assim a considerar no campo da pesquisa participativa. Ao resenhar importante coletânea que reuniu cientistas sociais e artistas a refletir sobre o imaginário e o poético nas ciências sociais, Fischer (2006: 294), afirma:

Trata-se de uma obra que inclui temas que vão desde oficinas de argila e memória, passando pela fotografia e os espaços da cidade, pelo reconhecimento do fazer musical, pintores e contextos históricos de suas produções, das imagens da colonização representadas nas imagens do sagrado, a importância do cinema documental, do documento visual e a produção de documentário na construção do conhecimento. Mas o que vai nos impregnando é o tratamento respeitoso aos múltiplos “outros” presentes por detrás de cada um desses temas. Dessa forma são feitas reflexivas observações a respeito dos indispensáveis cuidados que a mediação da pesquisa deve ter com relação aos diversos sujeitos em seus diferentes contextos sócio-históricos.

E, complementa Gauthier, para consolidar a relação do método apresentado com a criação, o conteúdo não imediatamente consciente e a potência do encontro em grupo (Gauthier; Fleuri; Grando, 2001: 6):

*A pesquisa sociopoética* é um método de construção coletiva do conhecimento que tem como pressupostos básicos que todos os saberes são iguais em direito e que é possível fazer da pesquisa um acontecimento poético (do grego *poiesis* = criação).

O método tem influências da Pedagogia do Oprimido (Freire, 1997), Teatro do Oprimido (Boal, 1988, 1996), pesquisa ação participante (Brandão, 1998, 1999; Fals-Borda, 1999), filosofia da diferença (Deleuze; Guattari, 1980; Guattari, 1993; Guattari; Rolnik, 1996; Gajardo, 1984) e Análise Institucional (Lourau, 1975; Lapassade, 1979; Barembliit, 2002), sendo compatível com a perspectiva das epistemologias do Sul e sua orientação ético-estética, por já conter em si uma experiência de tradução Norte-Sul. O pesquisador, chamado de facilitador, animador ou mediador, leva para o grupo as suas propostas e questões, para iniciar o debate, mas a pesquisa irá buscar os problemas que sugerem os participantes; participa do processo de elaboração e análise dos dados, mas o grupo poderá explicitar outras questões, outros processos, ligados à sua realidade e cabíveis enquanto expressão dessa realidade; por isso é um tipo de pesquisa ação participante. Cada um traz em si, em seu próprio corpo, saberes de raízes ancestrais, culturais, históricas (Gauthier; Fleuri; Grando, 2001). O processo de pesquisa pode favorecer a explicitação desses

saberes mediante a “fricção” ou tensionamento com outros saberes. Durante os encontros, não há a típica entrevista ou observação, mas sim um trabalho grupal participativo, onde após a realização de técnicas de relaxamento e sensibilização, o grupo propõe formas (artísticas, criativas, verbais ou não verbais) de expressar sua maneira de compreender, pensar e sentir sobre as temáticas em questão, podendo, assim, extrapolá-las e propor novas questões.

## Uma alquimia sociopoética na ressignificação do lixo: de algo repugnante a algo com valor

O trabalho realizado por esses sujeitos, de catar, separar, transportar, organizar, acondicionar (em casos mais raros, beneficiar) os resíduos recicláveis, recoloca o material numa condição de obter valor de mercado, de gerar renda. Desse modo, o catador opera uma transformação que, além de ajudar em seu sustento e renda, tem valor simbólico: ele mesmo se recicla nesse processo, ou seja, adquire um papel social com sentido e se produz como sujeito. Apresentamos nessa seção algumas das conclusões parciais de um início de imersão no universo dos catadores/as associados.

Foram realizados quatro eventos com o grupo da cooperativa Coopcamate – o único que se dispôs aos encontros de sociopoética –, além de visitas, observações e entrevistas nas outras cooperativas da central. A análise parcial dos primeiros dados coletados revela que, embora eventualmente convivam com a vergonha e a humilhação, decorrentes da discriminação e do preconceito que a sociedade ainda manifesta, ser catador pode gerar experiências positivas e agregadoras – especialmente no coletivo construído por eles cotidianamente. Esse registro positivo passa por ser reconhecido/a como trabalhador honesto, distinto da atividade de mendigos e bandidos, adquirindo o indivíduo a capacidade de organizar-se e mobilizar-se *coletivamente* na luta por melhores condições de trabalho e vida. É nesse ponto que o grupo, o coletivo, adquire uma significativa importância na vida dos catadores. O modelo cooperativo potencializa a busca por cidadania e reconhecimento social; como membro da cooperativa, ele ou ela é reconhecido/a como trabalhador na comunidade de entorno; torna-se conhecido por uma gama mais ampla de agentes sociais; interage com gestores públicos, professores/pesquisadores e universitários, ampliando seu repertório simbólico e representacional.

Nesse ponto, citamos Sader (1995: 55) para (res)significar a noção de *coletivo protetor*: “[...] uma coletividade onde se elabora uma identidade e se organizam práticas através das quais seus membros pretendem defender seus interesses e expressar suas vontades, constituindo-se nessas lutas”. A combinação do trabalho associado e dos processos formativos proporciona, potencialmente, um processo emancipatório que, se ainda limitado, já parece capaz de mudar parcialmente a vida dos sujeitos.

Na Coopcamate, o grupo pesquisador formou-se e elegeu um tema gerador que está no seu cotidiano: *aprender a cooperar no trabalho e na vida*. O mote da pesquisa, já no primeiro encontro, estava então se definindo como “cooperação verdadeira”, que ao final foi traduzida como “cooperação de alta intensidade”, pois se discutiu que não há um modelo perfeito, verdadeiro, mas sim um jeito de cooperar para produzir o grupo e o trabalho que cada um/a cria. Criar saberes e compartilhar é um horizonte que os move, embora não se expressem exatamente dessa forma. Sobre a palavra “saberes”, diz Puiggrós (2009: 13): *“No la utilizamos como antónimo de competencias, sino como la puerta lingüística hacia outra manera de entender los contenidos de la cultura”*. Seu entendimento vai além de competências para o trabalho na autogestão; é uma interpretação singular de elementos culturais que alteram a visão de mundo do sujeito.

Mencionaram subtemas como “aprender a determinação do grupo pelo próprio grupo e não somente pela coordenação” (verificamos em muitos momentos a percepção de autoritarismo por parte de membros da coordenação), conscientização do grupo para a ação e a mudança, responsabilidade de cada um/a, autoritarismo (como erradicá-lo? seria possível?), respeito, companheirismo, paciência, união, consideração, coleguismo, ser verdadeiro/ser falso (não ser “duas caras”), organização, compreensão mútua, comunicação, confiança, sinceridade.

Aprofundando a discussão através de técnicas de relaxamento, visualização criativa, desenho e teatro do oprimido, chegamos à identificação de um grande problema: o **silêncio sufocante**, o **amordaçamento**. Veio à tona, centralmente, a temática das relações de poder, da autoridade não compartilhada, da dificuldade de o poder circular livremente num jogo de papéis dinâmico que diferencie o modelo cooperativo da empresa privada heterogestionária. **Como dar voz aos que ficam em silêncio sufocante?**, perguntava-se o grupo. Então concluíram que deveriam saber **acolher**, saber **escutar** e aprender a **conversar sem criticar** de forma mordaz. Chegaram à conclusão de que “não se pode separar vida pessoal do trabalho, o que acontece lá fora interfere ali dentro da cooperativa”, assim como o contrário também é verdadeiro.

O silêncio sufocante é um analisador, tal como definido na análise institucional: “[...] uma pessoa, um acontecimento ou fenômeno que revela algum traço fundamental da face oculta da instituição, que traz à tona a coisa não dita, rechaçada como não significativa ou inexistente” (Petit, 2008: 2). A reprodução de relações autoritárias, verticais, que oprimem e causam sofrimento, aparece na forma do não dito, do sufocante, da opressão cotidiana presente nas relações entre eles. O grupo busca a linha de fuga, a superação, o processo emancipatório criado por cada um para todos, o que na sua leitura envolve o acolhimento e a solidariedade.

Interessante para a análise relatar um momento do trabalho, durante a vivência da técnica História a continuar. Um membro do grupo começa a contar uma história, interrompe-se para passar a palavra ao colega ao lado, e assim até que o último a falar “feche” a história. Nessa atividade, cada um/a dá uma contribuição para a construção da história, dentro de um curto espaço de tempo. Então, a história

construída, apesar de um pouco atrapalhada, vai aos poucos atribuindo sentidos àquilo que acontecia com a personagem, construindo um caminho de reflexão compartilhada, de forma lúdica.

Resumindo, a história criada foi mais ou menos assim: uma pessoa sincera e honesta, chamada João, entra na cooperativa e é julgada e rechaçada, porque o grupo não o conhecia e não entendia o sentido do cooperativismo, que é a acolhida e o ensino generoso das tarefas. Mas João, o personagem, insistiu, continuou na cooperativa e quis conquistar o grupo mostrando seu potencial, que não era pouco. João conseguiu demonstrar seu potencial de aprendizado e produtividade em diversas situações e acabou se integrando ao grupo mostrando seu valor, passando a ajudar a todos e se tornando imprescindível. Seu potencial incluía compreender o grupo, e assim ele conseguiu uni-lo. Outras pessoas chegaram para ajudar o João, o acolheram. Ele foi desse modo se sentindo mais à vontade e mais aberto para colocar suas opiniões, mediando as descobertas (ele tinha muitas ideias novas), e podia contribuir com a melhoria da cooperativa.

Acreditamos que cada um/a deles/as, nesse momento, estava identificado/a com João, desejando catalisar um processo de entendimento, encontrando o fio de Ariadne da linha de fuga. Alguns referem, a partir dessa identificação, estar com medo de que, no dia a dia, “esqueçam” esse aprendizado e esses objetivos. O cotidiano de tarefas é pesado e dificulta a reflexão e diálogo contínuos.

Aos poucos, o grupo pesquisador vai identificando os nós que atravancam a sua tão almejada “cooperação de alta intensidade”, verbalizando que o mais difícil é mudar, uma vez que percebem o que está errado. Mas podemos considerar que próprio processo de pesquisar, ativamente, é uma forma de superar o sofrimento ético político decorrente da identidade de catador/a (Miura; Sawaia, 2013). O sujeito antes desqualificado socialmente, com baixa autoestima, acaba se reciclando, como faz, cotidianamente, com o refugio da vida diária da cidade. O lixo vira “material reciclável”, vira “renda e dignidade”; e a pessoa do catador vira aquele que realiza essa alquimia, portanto, um alquimista da sua própria realidade social.

O sujeito se requalifica junto com o material que separa, enfarda e vende; torna-se, de potencialmente “repugnante”, porque vive no meio do lixo, uma espécie de “agente ambiental” (termo utilizado por eles durante os encontros) que transforma em renda e dignidade o próprio refugio, ao agir sobre ele. Agir e aprender, aprender a agir. A frase “precisamos aprender a...”, é uma constante nos grupos, que têm fome e sede de aprendizado e ação refletida (construção da práxis, numa linguagem marxista).

Se procurarmos no dicionário *online* de sinônimos (Sinônimos, 2014), encontraremos a seguinte entrada ao digitar a palavra “lixo”: “escória, gentalha, plebe, ralé”. São palavras pejorativas cuja semântica aponta para o rebotalho da humanidade, para a desumanização contida nos processos de exclusão. Pessoas que sequer teriam direito a ter direitos, ou seja, desumanizadas. Pois os catadores e catadoras organizados que temos contactado nesse estudo recusam essa pecha, alquimistas que são. Transformam-na e transmutam-na em outro sentido:

o da valorização e orgulho de quem suporta nas costas, nos músculos de todo o corpo, na inteligência do cérebro e na potência da subjetividade a base da cadeia produtiva de reciclagem no Brasil. Por mais que vivenciem inúmeras dificuldades e precariedades, estão se movendo na direção de um futuro no qual interferem cada vez mais.

## Referências

- BAREMBLITT, Gregorio. *Compêndio de Análise Institucional e outras correntes: teoria e prática*. 5. ed. Belo Horizonte, Instituto Félix Guattari, 2002.
- BHOWMIK, Sharit. As cooperativas e a emancipação dos marginalizados: estudos de caso de duas cidades na Índia. In: SANTOS, Boaventura (Org.). *Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2002, pp. 369-400.
- BOAL, Augusto. *O teatro do oprimido e outras poéticas políticas*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1988.
- \_\_\_\_\_. *O arco-íris do desejo: método Boal de Teatro e Terapia*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1996.
- BOSI, Antônio de Pádua. A organização capitalista do trabalho “informal”: o caso dos catadores de recicláveis. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo. v. 23, n. 67, Junho 2008, pp. 101-118.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). *Criatividade e novas metodologias*. São Paulo: Brasiliense, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Pesquisa participante*. São Paulo, Brasiliense, 1999.
- CABRAL, Sueli. Territórios insólitos: o lixo, o trabalho e seus guardiões. Tese de doutorado, Ciências Sociais, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2015.
- BRASIL. Decreto nº 7.405, de 23 de dezembro de 2010. Institui o Programa Pró-Catador, denomina Comitê Interministerial para Inclusão Social e Econômica dos Catadores de Materiais Reutilizáveis e Recicláveis o Comitê Interministerial da Inclusão Social de Catadores de Lixo criado pelo Decreto de 11 de setembro de 2003, dispõe sobre sua organização e funcionamento, e dá outras providências. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, 23 dez. 2010.
- CALDERONI, Sabetai. *Os bilhões perdidos no lixo*. São Paulo, Humanitas Publicações/ FFLCH-USP, 1998. 348 p.
- COSTA, Fernando Braga. *Homens invisíveis: relatos de uma humilhação social*. São Paulo, Globo, 2004.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mille plateaux*. Paris, Minuit, 1980.
- DIAS, Sonia. Construindo a cidadania: avanços e limites do projeto de coleta seletiva em parceria com a ASMARE. Dissertação de mestrado, Geografia, Instituto de Geociências, Universidade Federal de Minas Gerais, 2002.
- EMES. *ICSEM Project*. Belgium, 2013. Disponível em: <<http://www.emes.net/what-we-do/research-projects/social-enterprise/icsem-project/>>. Acesso em: 13 jun. 2014.

- FACEBOOK. 2014. Disponível em: <<https://www.facebook.com/mncrrs/posts/982779178405658>>. Acesso em: 11 dez. 2014.
- FALS-BORDA, Orlando. Aspectos teóricos da pesquisa participante: considerações sobre o papel da ciência na participação popular. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues C. R. (Org.). *Pesquisa Participante*. São Paulo, Brasiliense, 1999, pp. 42-62.
- FISCHER, Nilton. O imaginário e o poético nas Ciências Sociais. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, v. 12, n. 25, 2006, pp. 293-296.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. São Paulo, Paz e Terra, 1997.
- GAJARDO, Marcela. Pesquisa participante: propostas e projetos. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). *Repensando a pesquisa participante*. São Paulo, Brasiliense, 1984.
- GALBIATI, Adriana. *O gerenciamento integrado de resíduos sólidos e a reciclagem*. 2004, pp. 1-10. Disponível em: <<http://www.amda.org.br/objeto/arquivos/97.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2010.
- GAUTHIER, Jacques; FLEURI, Reinaldo; GRANDO, Beleni. (Orgs.). *Uma pesquisa sociopoética: o índio, o negro e o branco no imaginário de pesquisadores na área de educação*. Florianópolis, UFSC/NUP/CED, 2001.
- GAUTHIER, Jacques; SANTOS, Iraci. *A Sócio-poética: fundamentos teóricos, técnicas diferenciadas de pesquisa, vivência*. Rio de Janeiro, UERJ, DEPEXT, NAPE, 1996.
- GUATTARI, Félix. *CAOSMOSE: um novo paradigma estético*. Rio de Janeiro, Editora 34, 1993.
- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis, Vozes, 1996.
- HONNETH, Axel. *Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*. São Paulo, Editora 34, 2003.
- IANNI, Octavio. Variações sobre arte e ciência. *Revista Tempo Social*. São Paulo, v. 16, n. 1, 2004, pp. 7-23.
- INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA – IPEA. *Situação social das catadoras e dos catadores de material reciclável e reutilizável*. Brasília, 2013. Disponível em: <[http://www.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/situacao\\_social/131219\\_relatorio\\_situacaosocial\\_mat\\_reciclavél\\_brasil.pdf](http://www.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/situacao_social/131219_relatorio_situacaosocial_mat_reciclavél_brasil.pdf)>. Acesso em: 10 nov. 2014.
- \_\_\_\_\_. *Pesquisa sobre pagamento por serviços ambientais urbanos para gestão de resíduos sólidos*. Brasília, 2010. Disponível em: <[goo.gl/tTVr](http://goo.gl/tTVr)>. Acesso em: 10 nov. 2014.
- JACOBI, Pedro Roberto; BESEN, Gina Rizpah. Gestão de resíduos sólidos em São Paulo: desafios da sustentabilidade. *Estudos Avançados*. São Paulo, v. 25, n. 71, 2011, pp. 135-158.
- JOVCHELOVITCH, Sandra. *Os contextos do saber*. Petrópolis, Vozes, 2008.
- LAPASSADE, Georges. *El analizador y el analista*. Barcelona, Gedisa, 1979.
- LIMA, Cristiano. Catadores de material reciclável em movimento: trajetória de uma identidade coletiva. In: *Anais do III Simpósio Lutas Sociais na América Latina: trabalhadores (as) em movimento: constituição de um novo proletariado?* Londrina, 2008.
- LOURAU, René. *A análise institucional*. Petrópolis, Vozes, 1975.

- MARTINS, Clitia Helena Backx. Trabalhadores na reciclagem do lixo: dinâmicas econômicas, socioambientais e políticas na perspectiva de empoderamento. Tese de doutorado, Sociologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003.
- MENESES, Maria Paula. Epistemologias do Sul. *Revista Crítica de Ciências Sociais*. Coimbra, v. 80, 2008, pp. 5-10.
- \_\_\_\_\_. Justiça cognitiva. In: GAIGER, Luiz Inácio et al. (Orgs.). *Dicionário Internacional da Outra Economia*. Coimbra, Almedina, 2009, pp. 231-237.
- MIURA, P. Tornar-se catador: uma análise psicossocial. Dissertação de mestrado. Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2004.
- MIURA, Paula; SAWAIA, Bader. Tornar-se catador: sofrimento ético-político e potência de ação. *Psicologia & Sociedade*. Belo Horizonte, v. 25, n. 2, 2013, pp. 331-341.
- MOVIMENTO NACIONAL DOS CATADORES(AS) DE MATERIAIS RECICLÁVEIS – MNCR. Nota pública sobre a Política Nacional de Resíduos Sólidos. São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://advivo.com.br/blog/grauzinha/mnncr-nota-publica-sobre-a-politica-nacional-de-residuos-solidos>>. Acesso em: 9 set. 2014.
- \_\_\_\_\_. *História do MNCR*. São Paulo, 2014a. Disponível em: <<http://www.mnncr.org.br/sobre-o-mnncr/sua-historia>>. Acesso em: 9 set. 2014.
- \_\_\_\_\_. São Paulo, 2014b. Disponível em: <[http://www.mnncr.org.br/box\\_1/o-que-e-o-movimento](http://www.mnncr.org.br/box_1/o-que-e-o-movimento)>. Acesso em: 7 out. 2014.
- OLIVEIRA, Paulo de Salles. Caminhos de construção da pesquisa em Ciências Humanas. In: \_\_\_\_\_. *Metodologia das Ciências Humanas*. São Paulo, Hucitec, Unesp, 1998, pp. 17-26.
- PAUGAM, Sergio. *A desqualificação social: ensaio sobre a nova pobreza*. São Paulo, EDUC Cortez, 2003.
- PETIT, Sandra. *Sociopoética: potencializando a dimensão poética da pesquisa*. Fortaleza: UFC, 2008. Disponível em: <[http://hbn.multimeios.ufc.br/moodlepg/file.php/1/selecao/2008/Sociopoetica-\\_Sandra.pdf](http://hbn.multimeios.ufc.br/moodlepg/file.php/1/selecao/2008/Sociopoetica-_Sandra.pdf)>. Acesso em: 14 set. 2014.
- PINHEL, Julio Ruffin. *Do lixo à cidadania: guia para a formação de cooperativas de catadores de materiais recicláveis*. Rio de Janeiro, IPESA, 2013.
- PIZZIO, Alex. A economia solidária e a qualificação social dos trabalhadores empobrecidos. Dissertação de mestrado, Ciências Sociais, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2007.
- PUIGGRÓS, Adriana. *Saberes: reflexiones, experiencias e debates*. Buenos Aires, Gallerna, 2009.
- QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder e classificação social. In: Santos, Boaventura de Sousa; Meneses, Maria Paula. *Epistemologias do Sul*. Coimbra, Almedina, 2009.
- \_\_\_\_\_. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (Org). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais: perspectivas latino-americanas*. Colección Sur Sur, CLACSO, Buenos Aires, 2005, pp. 227-278.
- SADER, Éder. *Quando novos personagens entram em cena*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1995.
- SALVADORI, M. Honneth, Axel. Luta por Reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais. *Revista Conjectura*. Porto Alegre, v. 1, n. 16, 2011, pp. 189-192.

SANTOS, Boaventura de Souza. Poderá o direito ser emancipatório? *Revista Crítica de Ciências Sociais*. Coimbra, v. 65, Maio 2003, pp. 3-76.

\_\_\_\_\_. (Org.). *Conhecimento prudente para uma vida decente*: “um discurso sobre as ciências” revisitado. São Paulo, Cortez, 2004.

\_\_\_\_\_. Direitos humanos: o desafio da interculturalidade. *Revista Direitos Humanos. Brasília*, v. 2, 2009, pp. 10-18.

\_\_\_\_\_. *A crítica da razão indolente*: contra o desperdício da experiência. São Paulo, Cortez, 2002.

\_\_\_\_\_. *A gramática do tempo*: para uma nova cultura política. São Paulo: Cortez, 2006.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. *Epistemologias do Sul*. Coimbra, Almedina, 2009.

SAWAIA, Bader (Org.). *As artimanhas da exclusão*: análise psicosocial e ética da desigualdade social. Petrópolis, Vozes, 1999.

SILVA, Rosemeire Barboza. O movimento nacional dos catadores de materiais recicláveis: atores, governação, regulação e questões emergentes no cenário brasileiro. *Interthesis*. Florianópolis, v. 3. n. 2., 2006, pp. 1-40.

SILVEIRA, Lia Carneiro et al. A sociopoética como dispositivo para produção de conhecimento. *Interface: Saúde, Educação, Comunicação*. Botucatu, v. 12, n. 27, 2008, pp. 873-881.

SINÔNIMOS. *Sinônimo de lixo*. 2014. Disponível em: <<http://www.sinonimos.com.br/lixo/>>. Acesso em: 14 dez. 2014.

VELLOSO, Marta. Os catadores de lixo e o processo de emancipação social. *Ciência & Saúde Coletiva*. Rio de Janeiro, v. 10, 2005, pp. 49-61.

VERONESE, Marília; FERRARINI, Adriane. Piracema: uma metáfora para o microempreendedorismo associativo no Brasil. *Revista Otra Economía*. São Leopoldo, v. 4, n. 7, 2011, pp. 131-152.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira (Org.). *O corpo educado*: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte, Autêntica, 1999, pp. 35-82.

YÚDICE, George. *A convivência da cultura*: uso da cultura na era global. Belo Horizonte, UFMG, 2006.

Recebido em: 17/09/2015

Aprovado em: 15/12/2015

### Como citar este artigo:

VERONESE, Marília Verissimo. Associativismo entre catadores de material reciclável urbano. *Contemporânea* – Revista de Sociologia da UFSCar. São Carlos, v. 6, n. 1, jan.-jun. 2016, pp. 213-236.